

11 Cultura

A FÁBRICA DO SONHO

Evaristo de Moraes Filho

Tese de doutorado da professora Palmira Petratti Teixeira, *A Fábrica do Sonho. Trajetória do Industrial Jorge Street* (Ed. Paz e Terra) documenta a experiência da fábrica Maria Zélia, em Belenzinho, na cidade de São Paulo.

Jorge Street sai vivo dessa busca acadêmica em que sua personalidade e seus projetos foram minuciosamente estudados. Líder da sua classe, não raro — ou melhor, quase sempre — surpreendia os seus pares com propostas e soluções aparentemente contrárias aos interesses de seus pares. Lutou como ninguém pelo estabelecimento de uma indústria independente e nacionalista entre nós. Fez-se campeão do protecionismo, ciente de que a indústria nacional nascente não poderia suportar a concorrência dos produtos importados dos países mais desenvolvidos. Por isso, manteve-se a vida inteira em constantes polêmicas com os livre-cambistas e com alguns setores das classes rurais e comerciais, principalmente com estas.

Nascido em 22 de dezembro de

1863 no Rio de Janeiro, filho de Ernesto Diniz Street, austriaco de origem inglesa e francesa, e de Heloisa Leopoldina Simonsen Street, depois dos cursos preliminares de Humanidades, completados em Bonn, formou-se em Medicina, com distinção no Rio de Janeiro, em 1886. Chegou a exercer a profissão em sua cidade natal e em Petrópolis, mas ingressou na vida industrial somente em 1894, já na República, ao receber de seu pai ações da fábrica de juta São João, no Rio de Janeiro. Três anos mais tarde, casa-se com Zélia Frias, que lhe deu seis filhos, sendo o primogênito Ernesto Jorge. Em 28 de março de 1899, nasce Maria Zélia, falecida prematuramente no início da adolescência, fato que irá marcá-lo para o resto da vida, vindo a dar o seu nome à vila operária que fará construir em São Paulo, iniciada em 1912 que dirigiu até 1923, quando renunciou à presidência da Companhia Nacional de Tecidos de Juta.

Em 1912 foi eleito presidente do Centro Industrial do Brasil, sendo sucessivamente reeleito até 1926, o que lhe permite exercer forte influência na imprensa e junto aos poderes da República em defesa da sua tese do protecionismo e

do desenvolvimento da industrialização nacional. No ano em que deixou a presidência do CIB foi eleito presidente do Centro de Fiação e Tecelagem de São Paulo. Já os seus negócios não iam tão bem; tanto que no ano anterior, em 1925, viu-se obrigado a vender as ações da CNTJ, que lhe davam o controle acionário e diretivo da Companhia. Em 1929 viu-se levado a liquidar definitivamente os seus negócios industriais.

Street teve plena consciência da necessidade da constituição do empresariado nacional como grupo de pressão junto ao governo e ao Congresso. Escreveu artigos em defesa das suas teses, atacando as medidas legislativas que lhe pareciam nocivas ou prejudiciais aos seus projetos nacionalistas. Atacado pelos ativistas sindicais e por partes da classe comercial, que o acusavam de encarecer a vida, quando a importação seria mais indicada, combateu acerbamente o projeto de Código do Trabalho (1917) de Mauricio de Lacerda, cujo único fruto peço foi a Lei sobre Acidentes do Trabalho, de janeiro de 1919. Reconhecia a existência da questão social entre nós, vendo nos trabalhadores agentes ativos da



Jorge Street: nacionalismo

produção, que mereciam ser tratados como seres humanos e não como coisas. Neste sentido, foi pioneira a sua experiência da Vila Maria Zélia, na qual os operários viviam em casas construídas perto da fábrica, com creches, pátios de recreio, igreja, e assim por diante, como se fosse uma cidade-modelo, em estado pequeno.

Tido como visionário, profeta, poeta, bom patrão, havia também quem o acusasse de paternalismo, a fim de manter os seus operários presos, em suas vidas diárias, não

“6 Entada de S. Paulo”

10/10/90 -
sibudo

só na fábrica como no próprio recinto dos lares. Homem inteligente, culto, falando fluentemente o francês e o alemão, destacou-se como líder do empresariado nacional, de idéias progressistas e projetos pioneiros. Combateu a lei de férias aprovada em 1925 e ainda depois de 1930 manteve-se no mesmo ponto de vista. Confessa que deu trabalho a menores de 10 e 12 anos, a pedido dos próprios pais. Não chegava a ser um utópico, mas foi, sem dúvida, um patrão que se igualou a seus êmulos europeus: Dolfuss, Harmel e Le Grand, entre outros. Depois de 30, foi diretor do Departamento Nacional de Indústria e Comércio e do Departamento Estadual de Trabalho, de São Paulo, vindo a falecer a 23 de fevereiro de 1939.

Toda esta vida de luta, de idealismo, de pioneirismo, de patriotismo, vem estudada e exaustivamente documentada no livro de Palmira Petratti Teixeira, num estilo simples e direto, sem os ranços das teses doutorais. Tem-se um Jorge Street de corpo inteiro, com os seus êxitos e derrotas, reconhecido, no entanto, o seu papel eminente na luta pela indústria nacional. ●

Evaristo de Moraes Filho é autor de *Medo à Utopia — O Pensamento Social de Tobias Barreto e Sílvio Romero*.